

Santa Teresa de Jesus e los letrados¹

JEREMIAS CARLOS VECHINA, OCD

Igreja do Carmo – Aveiro

Santa Teresa de Jesus nasceu em Ávila em 1515 e morreu em Alba de Tormes em 1582, quando ia a caminho de Ávila. Viveu um dos momentos mais críticos da história da Europa. A situação política era muito instável. O protestantismo alcançou um triunfo tal que varreu todas as ilusões do momento. O protestantismo organizou-se em França como uma confissão dissidente. O anglicanismo consolida-se depois da breve restauração católica de Maria Tudor. Calvino fez com que Servet morresse na fogueira, e Genebra afirma-se como a metrópole de uma nova ortodoxia². Carlos V, que manteve o papel de árbitro durante trinta anos entre Roma e a Alemanha protestante, já sem capacidade para controlar a situação política, velho e cansado, deixou a chefia do Império, em 1556, e retirou-se para Yuste.

¹ Siglas usadas: V = Livro da Vida; C = Caminho de Perfeição (Códice de Valladolid); CE = Caminho de Perfeição (Códice do Escorial); M = Moradas; F = Fundações; R = Relações; Cta = Epistolário; MC = Meditações sobre o Cântico dos Cânticos; BMC = Biblioteca Mística Carmelitana.

² Cf. MARCEL BATAILLON, *Erasmus y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*, México 1950, t. II, 311-313.

Sucedeu-lhe seu filho Filipe II. Entre este ano e 1563 teve lugar o Concílio de Trento aberto em 1545 e interrompido várias vezes por divergências políticas ou religiosas.

Situação religiosa

Desde os princípios do século xv existia certa rutura e divórcio entre mística, como experiência de fé e a teologia como ciência da mesma. O pensamento teológico deixou-se influenciar exageradamente pela aplicação da dialética e foi-se abrindo um fosso entre a teologia e a vivência da fé, entre a teologia e a mística. Como prova disto temos os acentos anticientíficos e antiescolásticos que encontramos nos autores espirituais do século xv. Esta rutura entre a ciência teológica e a vida de piedade cristã foi considerada como o grande cisma do século.

O protestantismo começou a invadir a península. Viveu-se uma forte tensão entre hierarquia e carisma, entre o institucional e a liberdade do Espírito e do Evangelho. Esta oposição tornou-se de tal maneira fanática, que à primeira vista parecia impossível a convivência entre espirituais e teólogos.

Confronto entre teólogos e espirituais

No seio da Igreja espanhola foi-se forjando, durante vários anos, um antagonismo que suscitou divisões e tempestades, até que a meados do século xvi acabará mesmo em lutas permanentes, fortes e inflamadas entre teólogos e espirituais.

Por uma parte estão os teólogos que desconfiam de uma espiritualidade que não se apoia em princípios dogmáticos. Veem nos espirituais aberrações morais escondidas, influências do pietismo protestante ou do quietismo iluminado. Veem um culto exagerado pela oração, disfarçado de inspiração privada protestante, procurando subtrair-se ao controlo da hierarquia e da teologia.

Por outra parte, encontram-se os espirituais que desconfiam dos teólogos, vendo neles especialistas da letra morta, vazios de espírito cristão e

francamente incapazes de julgar uma vida sobrenatural de que não têm experiência nem noção³.

Nos escritos teresianos, que tão claramente manifestam esta situação de luta, os representantes de um e outro grupo serão chamados “letrados” e “espirituais ou experimentados”. É um modo muito pessoal que Teresa de Jesus adota para classificar a contraposição entre letra e espírito, de teologia e experiência. A própria Santa tem consciência clara que não é uma “letrada”, mas sim uma espiritual experimentada.

No momento de escrever a sua *Autobiografia*, porque é este o clima que se respira, ela não é capaz de se subtrair a ele, e marca claramente a sua posição. Sobre certas coisas ela tem ideias muito claras e sobre outras pede esclarecimento.

Quando escreveu o *Caminho de Perfeição*, vivia-se em Espanha um ambiente polémico e de forte tensão a todos os níveis, principalmente a nível religioso. Teresa não viveu alheia, pelo contrário, participou ativamente nesta polémica. Por isso, este livro é polémico e levantou muita celeuma. O momento era de tensão espiritual provocada pelos livros publicados e, concretamente, pelas ideias de Erasmo⁴.

Teresa procura criar pontes e forçar o diálogo entre teólogos e espirituais. Ela não toma partido. Uma vez está a favor de uns, outras vezes apoia os outros. Quando fundou S. José de Ávila ela pôs o problema da “renda”. Para encontrar solução, apresenta o caso aos teólogos seus confesores. S. Pedro de Alcântara ao tomar conhecimento do caso, escreve-lhe imediatamente protestando por tal decisão. Apresentamos a carta para que

³ Podemos ver a posição tomada pelos espirituais a respeito dos teólogos, numa carta dirigida por S. Pedro de Alcântara a Teresa de Jesus quando este veio ao conhecimento que ela tinha submetido os seus problemas de espírito, no que dizia respeito à Reforma, ao conselho dos teólogos. Pedro de Alcântara protesta contra esta decisão. Esta carta está datada de 14 de abril de 1562. Foi editada pelo P. Silvério de S. Teresa em *Biblioteca Mística Carmelitana*, t. II, Burgos, 1915, pp. 125-126.

⁴ Embora os seus livros passassem de mão em mão nos conventos de monjas, o mesmo não deveu acontecer nos da Madre Teresa, onde não ficou vestígio algum. No dizer do P. Eulógio Pacho: “Os assíduos caçadores de frases erasmistas, não conseguiram localizar uma só na empedernida leitora que foi a Santa de Ávila. Não passam de remotos indícios os que se aduzem em favor da leitura teresiana do *Enchiridion*”, *Apogeo de la Mística Cristiana*, Burgos, Monte Carmelo, 2008, pp. 362-3. Como diz o mesmo autor: “Em nenhum caso se pode falar de uma contribuição importante e específica à espiritualidade espanhola” (*Ib.*, p. 364).

melhor se entenda o estado de espírito reinante entre teólogos e espirituais. O franciscano, S. Pedro de Alcântara, é um autêntico espiritual:

“Foi para mim motivo de espanto que vossa mercê tomasse o parecer dos letrados sobre aquilo que não é da sua competência. Se fosse coisa de pleitos ou caso de consciência, estava bem que tomasse parecer de juristas e teólogos. Mas em coisas que dizem respeito à perfeição da vida, não se há de tratar senão com aqueles que a vivem, porque ninguém tem ordinariamente mais consciência nem bom sentimento, de quanto bem faz. E no que diz respeito aos conselhos evangélicos não há que tomar parecer se será bom segui-los ou não, porque é ramo de infidelidade...

“Se vossa mercê quer seguir o conselho de Cristo..., siga-o, porque não se deu mais a homens que a mulheres... E se quer tomar o conselho de letrados sem espírito, procure abundante renda para ver se lhe valem eles ou ela!...

“Sua Majestade dê a vossa mercê luz para que entenda estas verdades e as ponha em prática. Não acredite naqueles que lhe disserem o contrário por falta de luz, ou por incredulidade, ou por não terem saboreado quão suave é o Senhor... E dê do mesmo modo luz a vossa mercê para que em verdades tão claras não vacile, nem tome parecer senão com os seguidores dos conselhos de Cristo. Os demais... normalmente só têm luz sobre aquilo que fazem, e embora o seu conselho seja bom, melhor é o de Cristo.”⁵

Não temos conhecimento de qual foi a reação de Teresa à carta de S. Pedro de Alcântara. Sabemos que por aquela data a fundadora respondeu fortemente ao “seu letrado” dominicano, P. Pedro Ibañez, que lhe tinha enviado nada menos que

“duas folhas escritas a contradizer [ou seja, em sentido oposto a S. Pedro de Alcântara] e cheias de teologia para que não fizesse o convento sem renda e me dizia que assim o tinha estudado muito. Respondi-lhe que, para não seguir a minha vocação e o voto que tinha feito de pobreza e os conselhos de Cristo com toda a perfeição, não me queria aproveitar da teologia, nem com suas letras me fizesse, neste caso, mercê” (V 35, 4)⁶.

⁵ Esta carta está datada de 14 de abril de 1562. Foi editada pelo P. Silvério de S. Teresa em *Biblioteca Mística Carmelitana*, t. II, Burgos, 1915, pp. 125-126.

⁶ Ibañez não tardou a mudar de parecer e passar ao da Santa: cf. V 35, 6. Cf. V 13, 18, 19, 17, 16.

Nesta mesma passagem Teresa manifesta o seu plano de luta e resistência aos letrados: “[eu] não fazia senão disputar com os letrados” (*ib.*).

Apesar desta reação o caso é que quando escreve o *Livro da Vida* passou decidida e conscientemente para o grupo dos letrados. As suas afirmações manifestam uma posição de princípio, sólida e radical, com nítidas alusões à carta de S. Pedro de Alcântara:

“E não se engane dizendo que letrados sem oração não são para quem a tem. Tenho tratado com muitos e, de há uns anos para cá, tenho-os procurado mais sendo maior a necessidade e sempre fui amiga deles. E embora alguns não tenham experiência, não aborrecem o espírito nem o ignoram; porque na Sagrada Escritura que estudam, sempre encontram a verdade do bom espírito” (V 13, 18).

“Disse isto porque há opiniões de que os letrados não são para gente de oração, se não têm espírito. Já disse que é necessário mestre espiritual; mas se este não for letrado, é grande inconveniente... embora não tenham espírito, aproveitar-nos-á e Deus lhes dará a entender o que têm de ensinar e até os fará espirituais para nosso proveito. E isto não o digo sem o ter experimentado e aconteceu-me a mim com mais de dois” (V 13, 19).

“E embora pareça que para isto não são precisas letras, a minha opinião foi sempre e será que qualquer cristão procure tratar – se puder – com quem as tem boas e, quanto mais, melhor. E os que vão por caminho de oração têm disto maior necessidade, e tanto maior, quanto mais espirituais” (V 13, 17).

“Assim importa muito que o mestre seja avisado – digo, de bom entendimento – e que tenha experiência. Se com isto tem letras, é grandíssima coisa” (V 13, 16).

No *Caminho de Perfeição*, escrito por esta altura, a opinião de Teresa a favor dos letrados passará a ser norma para as suas discípulas. Isto aparece muito claramente nalguns capítulos deste livro⁷. Nos restantes livros, como por exemplo as *Moradas* e as *Fundações*, etc., ela mantém o mesmo modo de pensar.

Esta posição de Teresa manifesta o desdém e azedume com que por aqueles anos se enfrentavam os *letrados* e os *espirituais*. A tensão entre estes

⁷ Capítulos 3.º, 4.º e 5.º

dois grupos adquiriu grande dimensão pela preponderância daqueles que estavam em causa. Entre os espirituais havia grandes santos e místicos reconhecidos; e, do lado oposto, está a grande maioria dos teólogos da escola dominicana e da universidade de Salamanca.

Amiga de letrados

Teresa de Jesus possuía uma cultura e formação muito por cima do nível médio das mulheres do seu tempo. O que ela pretendia, com toda a alma, era viver e “andar em verdade” (cf. V 16, 6; 25, 21; 26, 1). Por isso mesmo confessava-se “amiga de letras” (V 5, 3) e sentia uma grande paixão pelos “letrados” (V 28, 6). Cultivava a leitura e a conversa com homens inteligentes e doutos. Ela tratou com os melhores teólogos da época, como por exemplo, Vicente Barrón, Domingo Bañez, Pedro Ibañez, Garcia de Toledo, Bartolomeu Medina, Baltasar Alvarez, Ripalda, Ribera e muitos outros.

Ao tratar da direção espiritual das suas irmãs, aconselha que o diretor tenha boas letras. E quanto mais espirituais⁸ mais necessidade existe de letrados. Isto justifica que ela escreva às superiores e diga:

“Além dos confessores ordinários, ela e todas, possam algumas vezes tratar e comunicar suas almas com pessoas que tenham letras, em especial se os confessores não as têm, por bons que sejam. Grande coisa são as letras para dar luz em tudo” (C 5, 2).

Ela procura os bons teólogos e a eles se rende, apesar de saber que alguns deles estão prevenidos contra os espirituais. E sem vacilar acode mesmo àqueles que a censuravam de “visionária” ou “mulherzita”. Fá-lo por uma necessidade interior e porque sabe que experiência espiritual que não vá fundamentada no dogma torna-se selvagem⁹.

⁸ “E os que vão por caminho de oração têm disto maior necessidade, e tanto maior, quanto mais espirituais” (V. 13, 18).

⁹ “Porque espírito que não vá fundado – desde o começo – na verdade, eu mais o quisera sem oração. Grande coisa é ter letras... De devoções a tontas livre-nos Deus” (V. 13, 16).

O confronto entre experiência e teologia é saudável; o diálogo entre espirituais e teólogos oficiais é de sumo interesse, tanto para uns como para outros. “Espirituais” como Francisco de Borja e Fr. Pedro de Alcântara tiraram-lhe muitas dúvidas, mas a última palavra vinha sempre dos letrados. Embora nem sempre este confronto fosse muitas vezes fácil de gerir, era daí que saía a verdade.

Esta inclinação que Teresa manifesta pelas letras e abertura aos letrados suscitou admiração neles e criou amizade recíproca que está na base do seu magistério. Ela sabia que a experiência mística era mais privilégio de mulheres¹⁰ e, por isso mesmo, exige o direito de ser escutada, pois a sua condição de mulher o merece. O ser homem ou mulher tem a sua influência nas vivências religiosas¹¹. Com a sua intuição de mulher ela introduz na teologia dos homens algo especificamente feminino: a ciência do amor. A oração é um trato de amizade...

Desta maneira ela compromete os teólogos que consultava nas suas experiências de oração. Ao pedir conselho ensinava. Ao render-se aos seus letrados contagiava-os com a sua espiritualidade¹².

Isto aconteceu com homens de “muitas letras”, como ela escreve: Domingo Bañez, Pedro Ibañez e Garcia de Toledo. Para ela o ideal seria: “Muito espiritual e teólogo” (CC. 4). O caso de Garcia de Toledo é paradigmático. Este Padre foi seu diretor espiritual durante muitos anos. Criou-se tal intimidade entre eles que Teresa que se lhe dirigia chamando-o “hijo mio”, “padre mio” “mi confessor”, “a quien he fiado mi alma”, “de esta manera vivo ahora, señor y padre mio” (V 16, 6; 40, 23). Teresa considera-o “bem letrado”, “pessoa muito principal... embora eu o tivesse por bom, não me contentava, queria-o muito melhor”.

E pedia ao Senhor dizendo: “Vede que é bom este sujeito para nosso amigo.”

Mas Teresa não fica só pela oração por ele. Queria-o melhor. Por isso insiste com ele para que se dedique à oração mental. Pelas palavras de

¹⁰ Cf. V 40, 8.

¹¹ Teresa tem um modo feminino de definir a oração: “tratar de amizade...” (V 8, 5).

¹² Teresa tem verdadeiras ânsias de comunicar as suas experiências interiores para benefício dos teólogos (cf. V 10, 8). Ao tratar da oração de quietude é capaz de aconselhar a acentuação dos atos amorosos e a redução da atividade do entendimento (V 15, 7). E não tem dúvida em dizer: “Isto é bom para os letrados que mo mandaram escrever...” (V 15, 8).

Teresa, ditas da parte do Senhor: “Determinou-se muito deveras a dar-se à oração” (V 34, 10.11), de tal modo que o Senhor em pouco tempo deu-lhe a graça da contemplação. Depois escreve:

“Tem-no mudado o Senhor quase de todo, de maneira que ele quase não se conhece, por assim dizer” (V. 34, 6, 8, 13).

Teresa procura os teólogos para ser discernida, mas o seu papel não fica simplesmente por aqui. E de dirigida passa a ser mestra. No que diz respeito à Humanidade de Cristo na vida espiritual e concretamente na oração, ela dirige-se a este Padre Garcia de Toledo dizendo:

“Assim V. Mercê, senhor, não queira outro caminho, embora esteja no cume da contemplação. Por aqui vai seguro” (V 22, 7).

Mulher de diálogo

Teresa era uma mulher obediente à Igreja. Mas esta obediência não prescinde do diálogo e, por isso mesmo, quer participar ativamente na solução de certos problemas existentes na Igreja do seu tempo, pois vê que tem obrigação e direito a fazê-lo. Uma vez que o Senhor lhe deu um ânimo mais que de mulher, entra sem medo, na discussão: “não fazia senão disputar com os letrados” (V 35, 4).

O seu *Livro da Vida* encontrava-se retido na Inquisição e só foi retirado depois da sua morte. O segundo que escreveu – trata-se do *Caminho de Perfeição* – suscitou mais polémica ainda.

Há dois temas que Teresa quer ver esclarecidos e que são objeto de contenda: trata-se do lugar da mulher na Igreja e da oração mental.

Neste livro, a Santa dirá às suas monjas, e a nós, qual é o seu pensar acerca da tese de Melchior Cano contra as mulheres e os livros de oração em língua castelhana a elas destinados. Com quatro frases duras resume o seu pensamento acerca da situação da mulher, num texto que foi fortemente riscado pelo censor, mas que se conseguiu decifrar. Estas frases encontram-se na primeira redação do livro:

- “Os juizes do mundo [são] ... todos varões.”
- “Não há virtude de mulher que não tenham por suspeitosa.”
- “Tem-nos o mundo acurraladas.”
- “Que não façamos coisa alguma de valor por Vós em público, nem ousemos dizer algumas verdades que choramos em segredo” (C 3, 7)¹³.

Com esta situação contrasta abertamente o comportamento de Cristo:

- “Não aborreceu as mulheres.”
- Pelo contrário – dirige-se a Cristo dizendo: “antes as favoreceste sempre com muita piedade”.
- E “encontrastes nelas tanto amor e mais fé do que nos homens” (*ib.*).

E apresenta sem rodeios a sua tese sobre a mudança que se deveria produzir agora no estatuto social e eclesial da mulher:

- “Vejo os tempos de tal maneira, que não é motivo para rejeitar espíritos virtuosos e fortes ainda que sejam de mulheres” (*ib.*).

No que diz respeito à oração mental os tempos andavam borrascosos. Pregar aos quatro ventos a vida de oração, é colocar em perigo não só a Igreja, mas a mesma república cristã¹⁴. Divulgar em língua castelhana para o povo e as mulheres, os mistérios da fé, da teologia e da vida espiritual, é “coisa nociva ao bem comum”¹⁵.

- “Por mais que as mulheres reclamem com insaciável apetite comer deste fruto [leitura da Sagrada Escritura], é necessário vedá-lo e colocar a espada de fogo para que o povo não chegue a ele.”¹⁶

¹³ A Santa omitiu aqui uma belíssima passagem riscada na 1.ª redação. Cf. SANTA TERESA DE JESUS, *Obras Completas*, Edições Carmelo, Paço de Arcos, 2000, pág. 372, nota 8.

¹⁴ “... e se isto é verdade..., fechemos os livros, e mais ainda fechemos os gerais, acabem as universidades, morram os estudos e dêmo-nos todos à oração” (*ib.*).

¹⁵ *Ib.*, p. 597.

¹⁶ *Ib.*

S. Vicente Ferrer afirmaria que, com as graças místicas de que se gloriam os espirituais e outras ilusões semelhantes, se haveria de dispor o mundo para a vinda do Anticristo¹⁷.

É neste ambiente perturbado que intervém Teresa de Jesus. É provocadora na prática e na doutrina. Está a fundar conventos dedicados à oração mental, à oração contemplativa. São nada menos que duas horas diárias dedicadas exclusivamente à oração mental. Isto é inconcebível no tempo, pois, onde havia uma pessoa dedicada à oração mental viam um iluminado e o mais normal é que acabasse na fogueira da inquisição. O caso de Teresa era objeto de conversa habitual na praça pública. Mulher de visões, revelações, êxtases e arrebatamentos:

“Vinhão, pois, a mim com muito medo a dizer que andavam os tempos difíceis e podia ser que me levantassem alguma suspeita e fossem acusar-me aos inquisidores” (V 33, 4).

Qual a reação de Teresa? Muito simplesmente:

“A mim caiu-me isto em graça e me fez rir, porque, neste caso, jamais eu temi, que de mim sabia bem, que em coisa de fé ou contra a menor cerimónia da Igreja que alguém visse que eu ia, por ela ou por qualquer verdade da Sagrada Escritura, eu me ofereceria a morrer mil mortes” (*ib.*).

Ela está muito segura da sua posição. Se houvesse na sua vida alguma coisa de molde a temer a inquisição, escreve ela:

“eu mesma a iria buscar, mas, se fosse inventado, o Senhor me livraria e ficaria eu com lucro” (*ib.*).

Este ânimo e falta de temor deriva da plena consciência que ela tem de fidelidade à fé, à Igreja e à Sagrada Escritura. Este mesmo ânimo ela pede às suas irmãs:

¹⁷ *Ib.* Melchior Cano faz alusão a um texto famoso de S. Vicente Ferrer no seu tratado “*De vita spirituali*”, cc. 14 e 15.

“Não façais nenhum caso dos medos que vos meterem, nem dos perigos que vos pintarem” (C 21, 5).

“Deixai-vos destes medos.”

“Nunca façais caso em coisas semelhantes da opinião pública” (C 21, 10).

Recolhendo a afirmação dos seus adversários de que “basta a oração vocal”, Teresa analisa-a, aprofunda-a e acaba por rejeitar categoricamente uma oração meramente vocal, de “só pronunciar as palavras” (C 24, 2). Toda a oração vocal, se se faz como deve ser, já é, e antes de mais, oração mental:

“Sabeis, filhas, que não está a diferença, para ser ou não ser oração mental, em ter a boca fechada; se, estando a falar, estou perfeitamente a entender e a ver que falo com Deus, pondo nisto mais advertência do que às palavras que digo, juntas estão aqui oração mental e vocal” (C 22, 1).

“Pois eu vos digo, irmãs, se o muito que há a fazer para entender estes dois pontos [quem sou eu que falo e quem é Deus a quem falo na oração] se fizesse bem, antes de começardes a oração vocal que ides rezar, ocupareis assaz tempo na mental” (C 22, 3).

Teresa afirmará repetidas vezes o valor da oração vocal, até admitir a possibilidade de chegar por meio dela à mais alta contemplação infusa¹⁸:

“É muito possível, estando a rezar o Pai-nosso, ou rezando outra oração vocal, que o Senhor vos ponha em contemplação perfeita ...” (C 25, 1).

Ela conhece algum caso¹⁹. Por isso volta-se, com ironia, para “os inimigos dos contemplativos” e diz-lhes:

“não penseis ... que estais livres de o ser [contemplativos] se rezais as orações vocais como se devem rezar” (C 30, 7).

¹⁸ Cf. C 27, 3 e CE 52, 7. Por detrás destas palavras de Teresa estão Erasmo e os teólogos, representantes do antivocalismo da oração. Erasmo desprezava a oração vocal.

¹⁹ Cf. 30,7. Ela conheceu uma pessoa que ao rezar o Pai-nosso em honra das vezes que o Senhor derramou o seu sangue, *estava duas ou três horas; era já velha e tinha gasto a sua vida muito bem e religiosamente*. Esta passagem está muito melhor descrita na 1.^a redação.

Teresa negar-se-á rotundamente a admitir uma oração vocal sem conteúdo interior (mental). Ela sabe que os letrados discutem sobre a validade de uma oração que seja pura recitação – o rezo coral, por exemplo – feito com a atenção posta simplesmente nas palavras.

Ela desentender-se-á do problema teórico e não o levará à prática na nova casa e na sua escola. Nestes textos, ela coloca uma grande dose de ironia.

Ela, reiteradamente, pede às suas irmãs para não terem medo:

“Acreditai-me vós e que ninguém vos engane em mostrar-vos outro caminho senão o da oração...

Quem vos disser que este é o perigo, *considerai-o a ele mesmo por verdadeiro perigo* e fugi dele (e não vos esqueçais, porque certamente tendes necessidade deste conselho); perigo será não ter humildade e outras virtudes, mas caminho de oração. Caminho de perigo nunca Deus tal queira. O demónio parece ter inventado pôr estes medos, e assim foi muito manhoso para fazer cair algum que levava este caminho” (CE, 36, 1)²⁰.

Respeitada pelos teólogos

Entre os espirituais existem alguns casos, que não são raros infelizmente, de visionárias e reformistas exaltadas que veem agudizar ainda mais a situação: temos, por exemplo, os casos clamorosos de Maria de São Domingos e Madalena da Cruz. Tanto uma como outra projetam sobre a vida mística teresiana uma sombra muito funesta. Madalena de São Domingos, “a beata de Piedrahita”, visionária, estigmatizada, escritora mística, admirada cegamente por um exército de discípulos e discípulas, é finalmente anatematizada pelo geral da sua Ordem, o famoso Caetano, que a submete a uma espécie de reclusão vitalícia e dita ordens precisas contra ela, contra o seu profetismo e proselitismo. A sentença de Caetano e a recordação da beata pesarão sobre os teólogos que pouco depois entrarão em relação com a nova mística e visionária Teresa de Jesus.

²⁰ Estas palavras vão dirigidas a alguns teólogos e inquisidores. No fim do livro Teresa tem palavras mais fortes ainda chamando-lhes “falsos profetas” (C 73, 1).

A outra, Madalena da Cruz, abadessa de Córdoba, depois de ter sido aclamada santa pelos reis e grandes de Espanha, será processada pela Inquisição e condenada em 1564 a penitência pública. O seu caso está tão vivo quando se começam a divulgar os fenómenos místicos de Santa Teresa, que não faltará quem sussurre aos ouvidos desta e dos seus confessores augúrios de idêntico desenlace²¹.

Teresa de Jesus, apesar dos seus arroubamentos, visões e revelações era mulher muito respeitada pelos teólogos pela sua estatura espiritual e humana. Quando se falava menos bem dela na praça pública sempre tinha alguém que a defendia, pelo conhecimento direto que tinham dela. A Inquisição andava-lhe em cima pelo processo levantado, mas porque teve bons advogados de defesa livrou-se da fogueira como aconteceu em casos semelhantes.

Para que se veja o calibre desta mulher recordemos o episódio que teve lugar entre João Salinas e Domingo Bañez, ambos dominicanos. Salinas pergunta a Bañez.

“Quem é uma Teresa de Jesus que me dizem que é muito da vossa relação? Não há que confiar em virtude de mulheres... Bañez respondeu: Vossa Pateridade vá a Toledo e vê-la-á e experimentará que é razoável tê-la em muita consideração... Encontrando-se os dois mais tarde, Bañez interroga-o: Então, que diz de Teresa de Jesus? Respondeu Salinas com grande desembaraço, dizendo: Ó! Tinhas-me enganado, disseste-me que era mulher; pois, eu te digo com total certeza, que é homem varão e dos muito barbados.”²²

A fundação de Medina del Campo foi feita em ambiente de grande contradição. É a própria Santa que o descreve:

“Quando se espalhou a notícia pela cidade, houve grande murmuração. Uns alcunhavam-me de louca, outros esperavam o final daquele desatino. O Bispo – confessou-mo depois – participava largamente destas opiniões, embora nessa altura não mo desse a entender nem quisesse estorvar-me” (F 3, 3).

²¹ Cf. *Vida* 23, 2; 26, 4; 29, 5; 20, 8.13; 21, 16; 33, 3; 33, 5.

²² Isto foi referido pelo P. Bañez no processo de Beatificação (Salamanca 1591). Cf. SILVÉRIO DE S. TERESA, BMC, t. 18 (Burgos 1935), p. 9.

O Mestre Frei Domingo Bañez, íntimo de Teresa e seu conselheiro, que acompanhou o caso de perto, testemunha o facto no *processo* de beatificação de Salamanca:

“Na fundação do mosteiro de Medina del Campo, sabe esta testemunha por comunicação do mestre fr. P. Fernandez, Provincial dominicano, que se encontrou presente a uma consulta que teve lugar em Medina sobre aquela fundação com os regedores da vila e alguns religiosos, na qual um religioso de certa ordem, homem de autoridade e pregador, disse muito mal da dita Teresa de Jesus, comparando-a a Madalena da Cruz, uma burlona que existiu em tempos passados em Córdoba, talvez com algum zelo de que Deus terá em conta. O dito mestre fr. P. Fernandez então respondeu que ele tinha por boa mulher a dita Teresa de Jesus e que deixaria a junta (reunião) se aquilo se tratasse.”²³

Frei Pedro Fernandez, Mestre de Teologia, foi enviado como teólogo do rei ao Concílio de Trento e grande colaborador de Teresa de Jesus na sua obra de fundadora. Foi sumamente apreciado por ela que o define como “pessoa de muito santa vida e grandes letras e entendimento” (F 28, 6).

Jesus, o seu mestre

Teresa de Jesus era “amiga de letrados”, era por eles respeitada, porque reconheciam que ela estava adornada de uma sabedoria que não era normal. Porque para ela a humildade “é andar na verdade”, sentia-se possuidora de um conhecimento que a levavam a “disputar com os letrados” sobre certos assuntos. Teresa teve um bom mestre, o “único Mestre”.

Ela funda o seu primeiro Carmelo por mandato deste “Mestre”. Um dia depois de ter comungado, o Senhor “mandou-me insistentemente que o procurasse realizar com todas as minhas forças... e que lhe pusesse o

²³ Deposição do P. Bañez no processo de Beatificação (Salamanca 1591). Cf. SILVÉRIO DE S. TERESA, BMC, t. 18 (Burgos 1935), p. 11.

nome de S. José: ele nos guardaria a uma das portas e Nossa Senhora à outra e Cristo andaria connosco... (V 32, 11). A partir daqui Teresa começa a ver o Carmelo como a “Sua Casa”.

E o Senhor convida-as, junta-as em “Sua casa” e Ele próprio está presente e vive com elas:

“Muitas vezes me espanto quando considero e vejo, quão particularmente queria Sua Majestade ajudar-me para que efetuasse este cantinho de Deus. Pois creio que o é, e morada onde Sua Majestade se deleita, como uma vez, estando eu em oração, me disse que, esta casa era para Ele paraíso de deleite” (V 35, 12).

O grupo tem que viver de tal maneira que O experimentem junto delas. Se as irmãs correspondem e se dão com a mesma determinação com que Ele se dá não as tratará

“como criados que trabalham na sua vinha, mas como filhos queridos. Não os quereria afastar de ao pé de Si, nem os afasta, porque já eles não se querem afastar; senta-os à Sua mesa, dá-lhes do mesmo que come, até tirar o bocado da boca para lho dar” (C 16, 9).

A comunidade teresiana é o pequeno “colégio de Cristo” (CE 20, 1). Ela ao falar assim, sente-a como grupo evangélico congregado ao redor de Jesus, seu Mestre e modelo. Jesus é o mestre da comunidade e de cada uma das irmãs. Mestre e amigo:

“Representai-vos o mesmo Senhor junto de vós e vede com que amor e humildade Ele vos está ensinando. E crede-me, enquanto puderdes, não estejais sem tão bom Amigo. Se vos acostumardes a trazê-l’O ao pé de vós e Ele vir que o fazeis com amor e andais procurando contentá-l’O, não podereis — como dizem — afastá-l’O de vós; nunca vos faltarão; ajudar-vos-á em todos os vossos trabalhos; achá-l’O-eis em toda a parte; e pensais que é pouco ter um tal Amigo a vosso lado?” (C 26, 1).

Teresa convida as suas irmãs a aproximarem-se deste Mestre muito desejosas de aprender:

“Chegai-vos para junto deste bom Mestre, muito determinadas a aprender o que vos ensina, e Sua Majestade fará com que não deixeis de sair boas discípulas, nem vos deixará se O não deixais vós. Olhai as palavras que diz aquela boca divina e logo à primeira entenderéis o amor que vos tem que não é pequeno bem e consolo para o discípulo ver que seu mestre o ama” (C 26, 10).

Jesus, o “bom Mestre”, dá-lhes um livro de texto que é a Sagrada Escritura. É sobejamente conhecido o grande apreço que Teresa nutria por este livro. Era um mandato da *Regra* que informou durante muitos anos a sua vida: “meditar dia e noite na Lei do Senhor e vigilantes na oração”. Este era o pão com que alimentava a sua vida espiritual. Quando a Inquisição coloca a Bíblia em língua castelhana no Índice dos livros proibidos Teresa sofre sobremaneira e diante do Senhor queixa-se:

“Quando se tiraram do público muitos livros em língua vulgar, para que se não lessem, eu senti-o muito, porque me recreava lendo alguns e já não o podia fazer por só os permitirem em latim. Disse-me o Senhor: *Não tenhas pena, que Eu te darei livro vivo*. Eu não podia entender a razão por que se me havia dito isto, porque ainda não tinha visões. Dali a bem poucos dias o compreendi muito bem... que muito pouca, ou quase nenhuma necessidade tenho tido de livros. Sua Majestade tem sido o verdadeiro livro onde tenho visto as verdades” (V 26, 5).

Teresa neste momento não entende o sentido destas palavras; mais tarde veio ao conhecimento que o livro vivo era Ele e o que ela poderia apreender pela leitura da Bíblia Ele lho comunicaria diretamente. Foi o que veio a acontecer.

Ela encontra-se no mosteiro de S. José de Ávila, onde reuniu umas quantas donzelas pobres, piedosas, mas sem formação espiritual e religiosa. Como fundadora tem de as formar e formá-las para a reforma equiva- le a infundir-lhes o seu mesmo espírito, que é espírito de oração e espírito de uma mística contemplativa. Teresa carece de livros para isso, pois teve de os mandar todos para a fogueira por ordem da Inquisição. Que fazer então? Toma a decisão de escrever, pelo preceito que tem, apoiada na assistência do Espírito do Senhor – “Livro vivo” –, que não lhe tem faltado e no amor

das irmãs. Ela não tem dificuldade em acreditar na assistência especial do Espírito, pois já tinha deixado escrito no *Livro da Vida*:

“Esclareceu-me Deus o entendimento, umas vezes com palavras e outras pondo-me diante como o havia de dizer... parece que Sua Majestade quer dizer o que eu não posso nem sei. Isto que digo é inteira verdade...” (V 18, 8).

Já a partir do *prólogo* confessa, cheia de confiança: “o Senhor irá dando a entender” as coisas convenientes para uma autêntica oração. Ao fim da obra voltará a recordar aos seus leitores que é Deus o “autor”:

“Bem sabe Sua Majestade que o meu entendimento não é capaz para isto [falar de coisas tão altas], se Ele não me ensinara o que tenho dito” (*ib.* 42, 6)²⁴.

A inspiração é desbordante em algumas ocasiões:

“Mas que coisas se oferecem ao começar a tratar este caminho! Oxalá eu pudesse escrever com muitas mãos para que umas por outras não me esquecessem!” (CE 34, 4)²⁵.

Por isso, único caso em todos os escritos teresianos, conclui o livro porque se lhe corta a “inspiração”.

“Pois, irmãs, já parece não quer [Deus] diga mais – porque não sei o quê, embora pensei ir adiante – ...” (CE 73, 5).

Causa surpresa que Teresa se ponha a escrever sem um plano preconcebido: “Não sei o que hei de dizer” (Prol 2). Isto só revela a influência e ação do Mestre interior.

O mesmo se pode dizer do livro das *Moradas*. Começa a escrever esta obra sob pressão da obediência e com uns problemas de saúde insuperáveis. Teresa está a passar a pior época da sua vida de fundadora. A obra empreendida corria o risco de acabar no momento que ela se encontrava.

²⁴ E termina dizendo: “Não tenho tido trabalho em pensar o que deixo dito” (*ib.*, 7).

²⁵ Algumas passagens das obras encontra-as escritas sem ter pensado escrevê-las como, por exemplo, sobre a pobreza (cf. 2,10).

Teresa fez o voto de obediência ao P. Gracián que é o seu superior e este manda que escreva. Além disto já tinha o preceito do confessor, o Doutor Velásquez que em questão de mandar não andava com meias tintas e, portanto, tinha de lhe obedecer. Diz a Madre Ana de Jesus (Lobera):

“Com grande império a sujeitava e mandava quanto havia de fazer, e assim, fê-la escrever este livro – as *Moradas*.”²⁶

Apesar de todas as dificuldades, Teresa põe mãos à obra, apoiada, simplesmente, na força da obediência e na assistência do Espírito Santo. Ela escreveu esta obra em seis meses, desde o dia em que começa até ao dia em que termina. Tendo em consideração as interrupções que ela própria menciona nas 4 e 5 M²⁷, vem a dar uns dois meses. A este respeito escreve o P. José Vicente:

“Escrever em tão pouco tempo útil e rodeada de tantos obstáculos e preocupações, uma obra como esta, é, sem dúvida, uma espécie de *carisma*.”²⁸

A própria Teresa declara que em certos momentos gozou de uma assistência e influência especiais por parte de Deus:

“Como não tenho letras, a minha rudeza não sabe dizer nada; pois, o que tenho dito até aqui, nesta oração, entendo claramente que, se vai bem, não fui eu que o disse” (6M 4, 9).

Já nas 4M ela se tinha encomendado ao Espírito Santo e suplicado que

“daqui em diante, fale por mim, para dizer alguma coisa das que ficam por dizer, de maneira que o entendais; porque começam a ser coisas sobrenaturais, e é de muitíssima dificuldade dá-las a entender, se Sua Majestade não o faz, como fez, há catorze anos, pouco mais ou menos, quando escrevi em outra parte até onde eu havia entendido. Ainda que me parece que tenho agora um pouco mais de luz destas mercês que o Senhor faz a algumas almas,

²⁶ Declaração nos *Processos* de 5 de julho de 1597 em BMC, t. 18, p. 469.

²⁷ 4M 2, 1; 5M 4, 1.

²⁸ Ib. P. 315.

é diferente o sabê-las dizer. Faça-o Sua Majestade, se daí há de seguir-se algum proveito; e se não, não” (4M 1, 1).

E ao terminar o livro ela esclarece quem é o autor do livro:

“Se alguma coisa achardes bem na ordem seguida em vos dar notícia d’Ele, crede verdadeiramente que foi Sua Majestade que o disse para vos dar contento; e, o mau que achardes, é dito por mim” (*Conclusão*, n. 3).

Escritora ocasional

Teresa de Jesus não é uma profissional da escrita, mas uma escritora ocasional. Todas as suas obras surgem em virtude de um mandato dos seus confessores, por circunstâncias que aconselham que se ponha a escrever. Para um melhor discernimento teológico da sua experiência nasce o *Livro da Vida*. Os sentimentos que surgem na consciência de Teresa quando toma a pluma para passar ao papel a sua experiência são, num primeiro momento, de segurança mas também de medo. Um desejo a acompanhará sempre durante a sua nova missão de escritora: uma paixão ardente de verdade.

Antes de começar a escrever, Teresa pede ao Senhor “a graça para, com toda a clareza e verdade fazer esta relação que meus confessores me mandam” (*Pról.*, 2). E terminará o livro fazendo a mesma afirmação: “pondo apenas o que por mim tem passado com toda a lisura e verdade que tenho podido” (V 40, 25).

Teresa narra a sua experiência

Teresa vai escrever o que “o Senhor me tem ensinado por experiência”, e em vinte e sete anos “me tem dado Sua Majestade a experiência como a outros em quarenta e sete e em trinta e sete” (V 10, 9). Ela confessa com toda a humildade e verdade “haver poucos que tenham chegado a ter experiência de tantas coisas” (V 40, 8). Ela faz questão de afirmar: “Não direi coisa de que não tenha experimentado muito” (V 18, 8).

À medida que a experiência mística vai aumentando, cresce a necessidade de a comunicar para receber luz, mas Teresa sofre diante do mistério insondável de Deus. Torna-se mortificante o desejo de comunicar o que nela acontece e a incapacidade de o fazer. Nunca, como agora, experimentou a pobreza da palavra humana.

Pela missão profética que Ele lhe tem reservado na Igreja, Teresa distinguiu com muita precisão as três graças que o Senhor lhe concedeu embora distantes no tempo: “Uma coisa é dar o Senhor a mercê; outra, entender qual é a mercê e qual a graça; e outra, o sabê-la dizer e dar a compreender como é” (V 17, 5). Portanto temos:

- vivência mística: Teresa *recebe*;
- inteligência mística: Teresa *entende*;
- palavra mística: Teresa *comunica*.

Teresa marca a sucessão temporal destas graças:

“Bastantes anos passei em que lia muita coisa e não entendia nada; e também muito tempo em que, embora mo desse Deus a entender, não sabia dizer palavra para o dar a compreender, e não me custava isto pouco trabalho.”

As explicações que recebe da parte dos confessores não esclarecem grande coisa, pelo contrário. Então quem a esclarece?

“deu-me Deus num momento a graça de compreender tudo com toda a claridade e de o saber dizer” (V 12, 6).

Teresa tem consciência clara da origem carismática da sua palavra. Se agora “pode dar a entender” o que por ela está passando é porque Deus lhe concedeu a graça mística de “pôr nome” às comunicações que recebe. É esta a última graça de uma série que a constitui em mestra de espírito e escritora de coisas místicas²⁹.

²⁹ Quando em agosto de 1560 se encontrou pela primeira vez com S. Pedro de Alcântara em Ávila ainda não tinha recebido esta graça: “Então eu não me sabia entender, como agora, para o saber dizer, que depois recebi de Deus o saber compreender e dizer as mercês que Sua Majestade me faz” (V 30, 4). Teresa precisa o tempo: “Isto é de há pouco” (V 12, 6), faz referência à graça mística que terá recebido a princípio do ano de 1562.

Santa Teresa entre os sábios

Santa Teresa depois da sua conversão ficou totalmente centrada em Cristo, viveu totalmente voltada para Ele e com Ele fez a “passagem”, ou seja, viveu a sua Páscoa. Pelo amor foi transferida e transformada totalmente em Deus. Esta mudança ninguém a entende, a não ser aquele a quem o Senhor der a graça:

“Se pretendes saber como isto sucede, interroga a graça e não a ciência, a aspiração profunda e não a inteligência, o gemido da oração e não o estudo dos livros, o esposo e não o professor, Deus e não o homem, a nuvem e não a claridade.”³⁰

O mesmo vem a dizer Bento XVI quando sintetiza nestas palavras o pensamento de Simão, o Novo Teólogo:

“A vida cristã é comunhão íntima e pessoal com Deus, a graça divina ilumina o coração do crente e condu-lo à visão mística do Senhor. Isto leva-o a insistir sobre o facto de que o verdadeiro conhecimento de Deus não provém dos livros, mas da experiência espiritual, da vida espiritual. O conhecimento de Deus nasce de um caminho de purificação interior, que tem início com a conversão do coração, graças à força da fé e do amor.”³¹

Muitas das graças que Teresa de Jesus narra, todas elas se dirigem para o mesmo ponto: são graças de luz e amor. E estas graças não só a abrem ao mundo do sobrenatural mas também a vão transformando gradualmente. O modo como isto acontece ultrapassa-a totalmente, sobretudo quando se trata de algumas graças místicas. Ela simplesmente narra “o que tenho visto por experiência”: trata-se de uma “luz tão forte no sentido interior, e no entendimento imagem tão clara” (V 28, 6). O “como o Senhor o faz”, no que diz respeito à visão imaginária, fica para os letrados: “V. Mercê, o dirá melhor e declarará tudo o que for obscuro e eu não souber dizer” (V 28, 7).

³⁰ S. BUENAVENTURA, *Obras*, t. I, *Itinerario del alma a Dios*, BAC, Madrid 2010, c. VII, n. 6.

³¹ Citado por Bento XVI, *Audiência Geral* de 16/09/2009.

Esta ação divina em Teresa manifesta-se em luzes intelectuais, em “falas”, em “visões” já sejam imaginárias ou intelectuais, capacitando-a desta maneira para a realidade sobrenatural que a envolve.

Na escola da contemplação

A partir do momento que Teresa começa a fugir das ocasiões e a entregar-se à oração, o Senhor começou a fazer-lhe mercês:

“Começou Sua Majestade a dar-me, muito de ordinário, oração de quietude e muitas vezes a de união que durava muito tempo” (V 23, 2).

Desta maneira, Teresa entra na oração contemplativa: trata-se já de graças de união e de um estado de união incipiente que ela descreve nas quintas moradas.

No magistério teresiano encontramos duas maneiras de ir superando a fase e o discurso da meditação: uma que ela chama de “oração de recolhimento” e a outra de “contemplação mística”³², que numa fase adiantada do processo designará de “perfeita contemplação”³³ e nos graus místicos mais elevados de “subida contemplação”, “subidíssima contemplação”³⁴ ou “cume de contemplação”³⁵.

Para Teresa a contemplação toda ela está preenchida e impregnada de presença e amor de Deus: “Deus dentro de mim – eu toda engolfada n’Ele” (V 10, 1). Esta presença amorosa de Cristo produz em Teresa uma mudança afetiva de tal maneira que a “contemplação infusa” ou “mística teologia”, como ela dirá, não só seja sabedoria saborosa, mas inflamação amorosa da vontade. Esta contemplação mística provoca grande tensão entre “o já” e o “ainda não”, entre a vida e a morte. O amor suscita em Teresa grandes desejos: “Desejos sempre os tive e grandes”, dirá ela. Desejos de ver a Deus; desejos de estar em Cristo; ou de chegar à plena e definitiva posse do

³² É raro ela usar a palavra “infusa”, como faz nas Moradas “luz infusa” (6M 9, 4), ou “resplendor infuso” (V 28, 5) ou mesmo “sabedoria infundida” (C 6, 9).

³³ V 22; C 16; 25, 1; 27-28; 6M 7, 7; F 4, 8.

³⁴ V 8, 11; 22 tít.; CE 60, 2.

³⁵ V 22, 7; Conc. 5, 3.

divino. “Oh vida, vida...!” – exclamará ela repetidas vezes: “Como podes sustentar-te estando ausente da vida!” (E 1, 1).

A este amor de Teresa, Cristo responde desta maneira: a oração contemplativa vai ser uma verdadeira escola em que Jesus a vai introduzindo e descobrindo o mistério de Deus e o seu amor. Aí lhe vai comunicando essa sabedoria que “nem olho viu, nem ouvido ouviu, nem jamais passou pelo pensamento do homem” (1Cor 1, 9).

Nesta contemplação, dum ponto de vista psicológico, a mente fixa-se num aspeto do “mistério de Deus” e os pensamentos e imagens deixam de influenciar: “o entendimento não discorre” (V 10, 1) ou “não opera”³⁶ como ela diz. O que mais interessa é saber qual a origem deste estado de espírito: parece “ser coisa de Deus” (V 34, 11), “coisa sobrenatural” (V 23, 5); ou seja, é de iniciativa divina, pura graça de Deus:

“Entende que, sem ruído de palavras, o está ensinando este Mestre Divino, suspendendo as potências, porque estas antes causariam dano que proveito com as suas operações. Gozam sem entender como gozam. A alma está abrasando-se em amor e não entende como ama. Conhece que goza do que ama e não sabe como goza. Percebe bem que não é gozo ao alcance do entendimento para o poder desejar. Abraça-o a vontade sem entender como... É dom do Senhor do Céu e da terra, que, enfim, dá como quem é. Esta é que é contemplação perfeita” (C 25, 2).

Teresa insiste muitas vezes que para chegar a este estado de contemplação não há técnicas, contudo a oração mental e vocal podem predispor e preparar para receber essa graça de Deus:

³⁶ Teresa de Jesus no princípio escreveu “não opera”. Depois corrigiu e escreveu “não discorre” acrescentando entre linhas, “a meu parecer”. Porém, esqueceu-se e uma linha mais abaixo repetia “como digo, não opera”. Esta retificação da santa não foi suficiente para convencer os teólogos editores desde Frei Luís de León que, na segunda edição do *Livro da Vida* (1599), faz o seguinte esclarecimento à margem desta passagem: “diz que não opera o entendimento, porque, como disse, não discorre dumas coisas noutras, nem tira considerações, porque o tem ocupado então a grandeza do bem que se lhe põe diante; mas na realidade, sim opera, pois põe os olhos naquilo que se lhe apresenta e reconhece que não o pode entender como é; pois diz “não opera”, isto é, “não discorre”, mas está como que espantado do muito que entende, isto é, da grandeza do objeto que vê, não porque entenda muito dele, mas porque vê que é de tal maneira em si mesmo, que não o pode entender plenamente” (cf. SANTA TERESA DE JESUS, *Obras Completas*, Edições Carmelo, Paço de Arcos, 2000, 82-83).

“pensar e rezar... Nestas duas coisas algo podemos com o favor de Deus; na contemplação de que agora falei, nenhuma coisa podemos. Sua Majestade é quem tudo faz, é obra Sua, está acima da nossa natureza” (V 25, 3).

Conhecimento imediato

Teresa de Jesus quando comenta a oração do Pai nosso, ao chegar a essas palavras “que estais nos céus” escreve:

“Pensais que importa pouco saberdes que coisa é o Céu e onde se deve procurar vosso Sacratíssimo Pai?... Importa muito, não só crer nisto, mas procurar entendê-lo por experiência” (C 28, 1).

E este saber por experiência é um “conhecimento impresso nas entranhas”, como ela diz (CV 6, 4). É um conhecimento que se faz por contacto amoroso. Não se trata de um conhecimento sensível, embora os sentidos muitas vezes se sintam afetados; nem de um conhecimento conceitual, puramente racional ou dedutivo, mas de um conhecimento comunicado amorosamente por Deus presente.

O saber da experiência mística não aumenta as verdades da fé da Igreja, contudo, o místico sabe infinitamente mais no sentido em que toma consciência do mesmo Deus presente e comunicando-se amorosamente a ele. Enfim, é outro tipo de saber, onde já “o entendimento não discorre..., não trabalha, senão que está como que espantado do muito que alcança; porque quer Deus entenda” (V 10, 1), porque “quando o Senhor suspende o entendimento e o faz parar, dá-lhe com que se espante e se ocupe e, sem discorrer, entenda mais no espaço dum Credo do que nós podemos entender com todas as nossas diligências da terra em muitos anos” (V 12, 5), de maneira que, sem entender coisa particular, “abarca muito e alcança-se mais com ela de que com muito relatar do entendimento” (V 15, 7), muito mais “que quanto o entendimento – com transtornar a retórica – por ventura possa dar” (V 15, 9).

Daí que Teresa faça a distinção entre ciência que de Deus possam ter os letrados e a sabedoria que procura a experiência contemplativa:

“Não se espante nem lhe pareçam coisas impossíveis – tudo é possível ao Senhor –, mas procure esforçar a fé e humilhar-se porque, nesta ciência, o Senhor faz porventura mais sábia a uma velhazita do que a ele, embora seja muito letrado” (V 34, 12).

Conhecimento passivo

Teresa de Jesus para descrever estas vivências usa muitas vezes estas expressões: “Aconteceu-me”, “acontecia-me algumas vezes”³⁷.

“Acontecia-me... vir-me a desoras um tal sentimento da presença de Deus” (V 10, 1).

Isto quer dizer que Teresa nada fazia para que isso acontecesse. A iniciativa era sempre de Deus. Aqui a realidade de Deus é mais padecida que sabida, porque “como não pode compreender o que entende, é não entender entendendo” (V 18, 14).

Enquanto no conhecimento ordinário de Deus o homem sai ao seu encontro e com as suas faculdades naturais vai penetrando os seus mistérios, no conhecimento místico é Deus que sai ao encontro do homem e o introduz na sua intimidade, descobrindo-lhe os seus segredos mais íntimos.

No conhecimento místico o homem tem consciência dessa presença experimentada como dada:

“[Deus] quer dar a sentir esta Presença que traz consigo tantos bens que nem se podem declarar, é de tal maneira que não se precisa de andar a buscar considerações para se conhecer que está ali” (R 6, 9).

Teresa repisa esta ideia pois deseja que os seus leitores entendam “claramente que o Senhor é O que opera” (V 21, 11).

³⁷ Cf. V 9, 1; 10, 1; 18, 15; 26, 2; 30, 8; 39, 22.

“Isto são dons que Deus dá quando quer e como o quer, e não está atido ao tempo nem aos serviços. Não digo que isto não faça muito ao caso, mas que muitas vezes o Senhor não dá em vinte anos a contemplação que a outros dá num” (V 34, 11).

Esta experiência de passividade é aquilo que os místicos chamam contemplação ou infusão na alma, como esclarece S. João da Cruz ao dizer que “a contemplação não é outra coisa que infusão secreta, pacífica e amorosa que, se lhe dão lugar, inflama a alma no espírito de amor” (N 1, 10, 6; 11, 18, 5; Cb 3, 33).

Teresa mais imaginativa apresenta uma comparação para melhor se fazer entender:

“É como se o manjar já estivesse no estômago sem o termos comido, nem sabermos como aí chegou... Tudo encontra cozinhado e comido; não lhe resta mais que fazer, senão gozar, como alguém que, sem aprender nem nada ter trabalhado para saber ler, nem tão-pouco tivesse estudado, achasse em si toda a ciência já sabida, sem saber como nem onde” (V 27, 7-8).

Teresa, perante esta ação amorosa e gratuita de Deus, não tem outra atitude: manter-se aberta, estar atenta, escutar e acolher.

Esta passividade não é igual a ociosidade – aliás o amor nunca está ocioso – pois a contemplação não prescinde do exercício da liberdade, pelo contrário é na contemplação que a liberdade se realiza na sua máxima força.

Objeto do conhecimento teresiano

Podemos dizer que Teresa foi conduzida misticamente ao centro do mistério revelado e não houve segredo algum que Deus não lhe tivesse descoberto. Embora os seus conhecimentos fossem aumentando em quantidade e qualidade Teresa não sobressai como mulher de conhecimentos, mas como mulher de “sabedoria”. Aquilo que ela recebe de modo sobrenatural converte-se em vida. Ela não comunica ideias ou conhecimentos, mas narra uma vida, uma experiência. Embora a sua experiência do mistério

seja abrangente, quero chamar a atenção para certas realidades por ela vividas a partir desta experiência mística que são muito significativas:

- a Bíblia como Palavra de Deus;
- a Humanidade Sacratíssima de Cristo;
- o Mistério trinitário.

A Bíblia na vida de Teresa

Teresa de Jesus o que pede aos letrados é que leiam a sua vida, e examinem a sua experiência à luz da Sagrada Escritura. Isto não quer que a leitura da Escritura não lhe desse segurança antes de consultar os letrados. Ela fala de uma pessoa mas refere-se a ela própria:

“Eu sei de uma [pessoa] que esteve largos anos com muitos temores, e não houve nada que a tivesse assegurado, mas foi o Senhor servido que ouvisse algumas coisas dos «Cânticos». Por elas entendeu que ia bem guiada a sua alma” (MC 1, 6).

Para Teresa, o conformar-se como a Palavra de Deus, é uma necessidade imperiosa e uma das características da mística teresiana. Ela quer conhecer a Palavra para discernir a sua vivência espiritual e é este desejo que a leva a procurar os teólogos, principalmente quando entra na fase mística da sua vida. Para ela não é suficiente a certeza “subjética” da sua própria experiência, também não basta a “sua” leitura da Bíblia. O recurso aos teólogos é recurso à Palavra de Deus. O apreço que nutre por eles nasce do conhecimento da Sagrada Escritura que eles têm.

A nenhum leitor atento passa despercebido a importância da Bíblia na vida de Teresa: “por qualquer verdade da Sagrada Escritura” se “poria a morrer mil mortes” (V 33, 5); não se cansa de repetir o critério por excelência da autenticidade da experiência mística:

“Que vá conforme à Escritura” (V 25, 13).

“Nenhuma [das graças místicas] que não vá muito conforme à Escritura, façais mais caso delas que se as ouvísseis ao mesmo demónio” (6M 3, 4).

Para Teresa todo o fenómeno místico seria verdadeiro se estivesse contido na Escritura:

“De tal maneira tinha para mim ser verdadeira a revelação, desde que nada fosse contra o que está na Sagrada Escritura” (V 32, 17).

“Ao que eu vejo e sei por experiência, de tal maneira fica a certeza de que é Deus quando vai conforme à Sagrada Escritura, e por um tudo-nada que disto torcesse, eu teria sem comparação muito mais firmeza em crer que é do demónio do que agora tenho de que são de Deus, por muito grande que a tenha” (V 25, 13).

Na procura da autenticidade da palavra de Deus ela recorre aos letrados e pede-lhes a sua palavra:

“Grande coisa é ter letras, porque estas nos ensinam aos que pouco sabemos e nos dão luz e, apoiados nas verdades da Sagrada Escritura, fazemos o que devemos” (V 13, 16).

Teresa sempre foi amiga deles e a razão é muito simples:

“Embora alguns não tenham experiência, não aborrecem o espírito nem o ignoram, uma vez que na Sagrada Escritura que estudam, sempre encontram a verdade do bom espírito. Tenho para mim que pessoa de oração que trate com letrados, se ela se não quiser enganar, não a enganará o demónio com ilusões, pois creio que os demónios temem de grande modo as letras humildes e virtuosas, sabendo que serão descobertos e sairão com perda» (V 13, 18)³⁸.

³⁸ Teresa escreve ao P. Gracián e conta-lhe o encontro que teve com o seu último diretor de consciência, o Dr. Alonso Velásquez, “muy gran letrado” e diz-lhe como sendo o maior elogio: «Autoriza com a Sagrada Escritura. É de grande alívio para a pobre...” (Cta 5/9/1576, 113, 6). Sobre o mesmo explicita um pouco mais nas *Fundações*: “Com efeito, valeu-me de muito, porque me tranquilizava com passagens da Sagrada Escritura; é o que a mim mais me faz ao caso quando tenho a certeza de que, quem as cita, está bem seguro do que diz e junta a ciência a uma vida de virtude» (F 30, 1).

A Bíblia é a Verdade

No *Livro da Vida* e concretamente no capítulo 40, Teresa narra uma das graças místicas mais importantes por ela vivida. Trata-se de uma visão e o núcleo desta visão é Deus, verdade suprema, princípio e plenitude de toda a verdade; fundamento de toda a verdade das criaturas. Do centro desta visão surge a Sagrada Escritura. Deus é a verdade que se encontra disseminada por todas as páginas da Bíblia. Para Teresa a verdade é a Bíblia, é a Palavra.

Vejamos a narração:

“Com esta consideração, começou a inflamar-se mais a minha alma e veio-me um arrebatamento de espírito, de modo que o não sei dizer. Pareceu-me que o meu espírito estava metido e cheio daquela Majestade que tenho entendido de outras vezes. Nesta Majestade deu-se-me a entender uma verdade que é complemento de todas as verdades; mas não sei dizer como, porque nada vi. Disseram-me, sem ver quem tinha sido, mas bem entendi ser a mesma Verdade: *Não é pouco isto que faço por ti; é uma das coisas em que muito me deves; porque todo o dano que vem ao mundo é de não se conhecerem as verdades da Escritura com clara verdade, da qual não ficará um til por cumprir*” (V 40, 1).

A partir desta comunicação Teresa tem consciência que a Bíblia é a verdade de Deus:

“Desta divina Verdade que se me representou, sem saber como nem quê, ficou-me impressa uma verdade que me faz ter um novo acatamento a Deus” (V 40, 3).

“Isto, que entendi, é dar-me o Senhor a entender que Ele é a mesma Verdade” (*ib.*).

Portanto, para ela, o “andar uma alma na verdade diante da mesma Verdade”, leva-a a tomar uma decisão enérgica:

“Com uma grandíssima fortaleza, e isto muito deveras, para cumprir com todas as minhas forças a mais pequena parcela da Escritura divina. Parece-me que nenhuma coisa se me poria diante que eu não padecesse por isto” (V 40, 2).

Seguindo um raciocínio lógico, conformar-se com a Sagrada Escritura é, para Teresa, conformar-se com a verdade, é conformar-se com Deus³⁹.

Experiência de Cristo

Cristo foi a primeira realidade sobrenatural experimentada por Teresa. Ele foi para ela ponte e acesso de entrada ao mundo transcendente e sobrenatural. Esta experiência de Cristo na vida de Teresa esteve sujeita a um processo progressivo, até ser introduzida no mistério de uma contemplação simples, mas profunda e permanente do Senhor que ela sentiu sempre ao seu lado.

Não vem ao caso apresentar o processo experiencial do mistério de Cristo na vida de Teresa; expomos, simplesmente, os dados mais importantes das suas experiências cristológicas:

- contemplação direta do corpo de Cristo;
- contemplação da sua Humanidade Santíssima como fonte e veículo de toda a graça;
- contemplação da sua divindade dentro do mistério trinitário;
- penetração dos mistérios de Cristo, principalmente do mistério eucarístico.

A visão do *corpo de Cristo* foi a graça mística mais forte e decisiva para Santa Teresa, cuja eficácia se assemelha à das palavras do Senhor. A percepção que ela tem do corpo de Cristo é progressiva: começa com uma visão intelectual. Teresa percebe de um modo direto a presença humana de Cristo do seu lado direito:

“Estando um dia⁴⁰... em oração, vi ao pé de mim ou senti, para melhor dizer, pois nem com os olhos do corpo nem com os da alma nada vi; mas parecia-me que Cristo estava ali mesmo junto de mim e via ser Ele que me falava, segundo me parece... Parecia-me andar sempre a meu lado Jesus Cristo; e, como não era visão imaginária, não via sob que forma, mas sentia muito

³⁹ Para Teresa o mal do homem está em não conhecer “as verdades da Escritura com clara verdade”. “Não faltará um til delas.”

⁴⁰ Esta visão teve lugar no dia de S. Pedro.

claramente estar Ele sempre a meu lado direito e que era testemunha de tudo quanto eu fazia” (V 27, 2)⁴¹.

Embora não se trate de visão imaginária porque nada via “nem com os olhos do corpo nem da alma” percebia-o claramente “por uma notícia mais clara do que o sol” (V 27, 3), ao ponto de dizer: “Afirmo que está ao pé de mim com mais clareza do que se O visse” (V *ib.*).

A esta visão intelectual seguem-se as visões imaginárias do corpo de Cristo que se manifesta progressivamente: primeiro vê as suas mãos “com grandíssima formosura” (V 28, 1); poucos dias depois, “vi também aquele divino rosto, que me deixou, segundo parece, absorta de todo” (V *ib.*); e, finalmente, vê toda a Humanidade de Jesus:

“Um dia de São Paulo, estando na Missa, se me representou toda esta Humanidade sacratíssima, como se pinta ressuscitado, com tanta formosura e majestade, como particularmente escrevi a V. Mercê⁴², quando instantemente mo mandou, o que se me fez assaz custoso, porque nada se pode dizer que não seja antes desfazer; mas o melhor que soube já o disse, e assim não há para que voltá-lo a dizer aqui. Só digo que, quando outra coisa não houvesse para deleitar a vista no Céu, senão a grande formosura dos corpos glorificados, bastaria para causar grandíssima glória, em especial ver a Humanidade de Jesus Cristo, Senhor Nosso, ainda que aqui se mostre Sua Majestade conforme ao que pode sofrer a nossa miséria” (V 28, 3).

Esta espécie de visões intelectuais e imaginárias ir-se-ão alternando ao longo da sua vida, prevalecendo, por fim, a contemplação puramente intelectual do Senhor que se tornará estável e permanente, embora com certas alterações.

Teresa faz questão de afirmar e esforça-se por explicar que não se trata de “visão de imagem”. Se damos o nome de imagem àquilo que ela vê, a diferença é a mesma “do vivo ao pintado” (V 28, 8); “porque se é imagem,

⁴¹ Cf. Lugar paralelo em *Moradas* VI, 8, 2. Repetirá o mesmo no cap. 28, 1: “claramente via estava como testemunha”.

⁴² Trata-se do P. Garcia de Toledo. Teresa refere-se a uma *Relação* feita anteriormente para dito Padre, mas que não chegou até nós.

é imagem viva” (V 28, 8). Esta imagem fica “impressa”, “esculpida” no interior de Teresa que não desaparece:

“De ver a Cristo ficou impressa em mim Sua grandíssima formosura, e ainda hoje a tenho, porque, para isto, bastava uma só vez, quanto mais tantas em que o Senhor me faz esta mercê!” (V 37, 4).

A Humanidade de Cristo

Como acabámos de dizer a experiência do mistério de Jesus na vida de Teresa esteve sujeito a um processo. E os momentos decisivos neste processo são dois:

- o primeiro êxtase de Teresa (cf. V 24)
- e o encontro com o ressuscitado (cf. V 26).

Andando ela perturbada com os afetos desordenados que a enfraqueciam na sua capacidade de amar, eis que se lhe manifesta o Senhor e Teresa escuta estas palavras: “Já não quero que tenhas conversas com homens senão com anjos” (V 24, 5). Estas palavras foram eficazes: “Isto tem-se cumprido bem” (*ib.* 6).

“Num momento, deu-me a liberdade que eu, com todas as diligências quantas tinha feito em muitos anos, não tinha podido alcançar por mim” (V 24, 8).

Outro acontecimento decisivo na vida de Teresa foi o encontro com Cristo presente:

“Estando um dia do glorioso São Pedro em oração, vi ao pé de mim ou senti, para melhor dizer, pois nem com os olhos do corpo nem com os da alma nada vi; mas parecia-me que Cristo estava ali mesmo junto de mim e via ser Ele que me falava, segundo me parece... Deu-me um grande temor a princípio” (V 27, 2).

Não se tratava de uma presença passageira:

“Parecia-me andar sempre a meu lado Jesus Cristo; e, como não era visão imaginária, não via sob que forma, mas sentia muito claramente estar Ele sempre a meu lado direito e que era testemunha de tudo quanto eu fazia; e

de nenhuma vez em que me recolhesse um pouco, ou não estivesse muito distraída, podia ignorar que estava ao pé de mim” (V 27, 2).

Teresa tinha bem presente que Jesus era verdadeiro Deus e verdadeiro homem, mas também era consciente que a natureza humana de Jesus esfumava-se na vida dos cristãos. É um facto facilmente constatável que o cristianismo sempre teve dificuldade em lidar com o corpo e o mesmo aconteceu com o Corpo de Cristo e da sua Humanidade. No seu tempo este tema estava na ordem do dia. Afirmavam teólogos e espirituais que a Humanidade de Cristo só tinha sentido para os princípios da vida espiritual “porque... embora seja a Humanidade de Cristo, embaraça ou impede, nos que vão já tão adiante, a mais perfeita contemplação” (V 22, 1).

Era seu desejo “trazer sempre diante dos olhos Seu retrato e imagem, já que não podia trazê-l’O tão esculpido em minha alma como quisera” (V 22, 4). Isto leva-a a aconselhar a representação de Cristo como homem sempre ao nosso lado. Por isso dirige-se com palavras fortes aqueles que o podem fazer e não o fazem:

“Desventurados os que, por sua culpa, perdem este bem! Até parece que não amam o Senhor, porque, se O amassem, folgariam de ver Seu retrato, tal como nos dá contentamento ver o de uma pessoa a quem se quer bem” (V 9, 6).

Ela, porque “só podia pensar em Cristo como homem” não era capaz de O representar “por mais que lesse da Sua formosura e visse imagens”, por isso “era tão amiga de imagens” (*ib.*).

Toda a vida de Deus chega até ela por meio desta Humanidade de Cristo. E Ele somente lhe podemos dar contentamento se nos apoiamos na Sua Humanidade:

“Vejo eu claramente e vi depois que, para contentar a Deus e para Ele nos fazer grandes mercês, quer que seja por mãos desta Humanidade Sacratíssima, na qual Sua Majestade disse que Se deleita” (V 22, 6).

Teresa para defender esta sua posição aduz como argumento a sua experiência e a revelação que lhe fez o Senhor:

“Muitas, muitas vezes o tenho visto por experiência e tem-mo dito o Senhor. Tenho visto claramente que por esta porta temos de entrar, se queremos que a soberana Majestade nos mostre grandes segredos” (*ib.*).

Esquecer a Humanidade de Jesus “é andar a alma no ar, como dizem; porque me parece que não tem arrimo, por mais que imagine andar cheia de Deus. É grande coisa, enquanto vivemos e somos humanos, trazer a Deus humanado diante de nós” (V 22, 9).

A partir daqui Teresa é capaz de se dirigir ao seu amigo teólogo e confessor (Garcia de Toledo) e dar-lhe o seguinte conselho:

“Assim, V. Mercê, senhor, não queira outro caminho, embora esteja no cume da contemplação; por aqui vai seguro. É por este Senhor nosso que nos veem todos os bens. Ele o ensinará; olhando a Sua vida, é o melhor modelo. Que mais queremos com um tão bom Amigo ao nosso lado, que não nos deixará nos trabalhos e tribulações, como fazem os do mundo?” (V 22, 7).

Passados doze anos, ao escrever o livro das *Moradas*, Teresa retoma o tema. Agora encontra-se mais segura e já não faz concessões aos teólogos que a contradizem. Rejeita pura e simplesmente a interpretação que muitos fazem do texto de S. João (16, 7): “Isto não o posso sofrer” (6M 7, 14). Não está no caminho certo. Para ela não tem razão os que afirmam que “quem chegou a ser levado por Deus a coisas sobrenaturais e à perfeita contemplação” não se pode deter “nestes mistérios, nem os traz presentes muitas vezes, em especial quando os celebra a Igreja Católica; nem é possível que perca assim a memória a alma que recebeu tanto de Deus em mostras de amor tão preciosas” (6M 7, 11).

Muitos teólogos e espirituais no tempo de Teresa pensavam que depois de se ter passado por coisas tão altas e sublimes não teria sentido meditar “nos mistérios da sacratíssima Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque já se exercitará toda em amor” (6M 7, 5). Embora ela tivesse sido neste ponto muito contestada na altura hoje encontra-se bem segura:

“Conquanto nisso me tenham contradito e dito que não o entendo, porque são caminhos por onde leva Nosso Senhor e quando as almas já passaram dos princípios, é melhor tratar em coisas da Divindade e fugir das corpóreas, a mim não me farão confessar que é bom caminho” (*ib.*).

Foram anos de sofrimento, porque por um lado estavam os letrados a quem procurava para ser discernida e por outro estava o Senhor que lho tinha comunicado, que chega um momento que dispara:

“estou tão escarmentada, que penso, embora o tenha dito mais vezes, dizer-vos-lo outra vez aqui, para que andeis nisto com muita advertência; e olhai que ousa dizer que não acrediteis a quem vos disser outra coisa” (6M 7, 5).

Teresa está mais que convencida que o orante na mais alta contemplação “já entende estes mistérios por um modo mais perfeito” (*ib.*). Ela afirma que nas sétimas moradas:

“é muito contínuo o não se apartar de andar com Cristo Nosso Senhor, por um modo admirável, em que divino e humano juntamente é sempre sua companhia” (6M 7, 9).

Experiência trinitária

É pela experiência da Humanidade de Cristo que Teresa entra no mistério da Santíssima Trindade. E é precisamente no interior deste mistério que se dá a ligação da Humanidade e Divindade, ou seja, de Cristo e da Trindade⁴³:

“Estava eu, hoje, considerando como, sendo tão «una», [as três pessoas] havia tomado carne humana só o Filho, e deu-me o Senhor a entender como, apesar de ser uma a Essência, são tão distintas as Pessoas” (R 47);

⁴³ No que a isto diz respeito pode ver-se a riqueza da experiência trinitária por ela descrita na R 33.

“ali, se me davam a entender coisas que depois não saberia dizer. Entre elas era, como havia a Pessoa do Filho tomado carne humana e não as demais” (R 56).

É significativa a graça que ela narra no *Livro da Vida*. Esta pode servir de exemplo para entender as restantes experiências, uma vez que ela diz que se trata da “mais subida visão”:

“Foi tão arrebatado o meu espírito que quase me pareceu que estava de todo fora do corpo; pelo menos, não se percebe que se vive nele. Vi a Humanidade Sacratíssima, com tão excessiva glória como jamais a tinha visto. Representou-se-me, por uma notícia admirável e clara, estar Ele metido no seio do Pai. Isto não o saberei eu dizer como é, porque, sem ver, pareceu-me que me via na presença daquela Divindade.”

Teresa ficou de tal maneira impactada por esta visão que durante vários dias

“não podia voltar a mim e sempre me parecia que trazia presente aquela majestade do Filho de Deus, embora não fosse como da primeira vez. Isto bem o entendia eu, senão que fica tão esculpido na imaginação – por breve que tenha sido – que não o pode tirar da lembrança por algum tempo e é de muito consolo e também aproveitamento” (V 38, 17).

Esta visão repetiu-se na sua vida:

“Tive esta mesma visão ainda outras três vezes. É, a meu parecer, a mais subida visão que o Senhor me fez mercê de ver e traz consigo grandíssimos proveitos” (*ib.*, 18).

Na espiritualidade teresiana aparece o mistério trinitário como mistério insondável de *relação* e *comunicação* pessoal entre o Pai, o Filho e o Espírito. É um mistério de comunhão que por uma superabundância de vida se dá e se comunica não só numa relação *ad intra* mas também numa relação *ad extra*. Teresa viveu, grande parte da sua vida, o mistério de Deus presente nela por graça, manifestada na pessoa de Jesus em quem

vivia totalmente centrada. Não foi sem estranheza que recebe a experiência da Santíssima Trindade⁴⁴. Até aqui a relação era com um, agora aparecem três!... A sua experiência trinitária não se reduz simplesmente ao mistério considerado em si mesmo, mas também e, principalmente, numa dimensão “económica”.

Quando escreve o *Livro da Vida* (1565) ainda não tinha descoberto o mistério trinitário. Conhecia-o pela fé, não por experiência. Mas esta fé era nela tão viva que seria capaz de discutir com qualquer teólogo acerca deste mistério:

“A alma vê-se num momento sábia, e tão declarado o mistério da Santíssima Trindade e outras coisas mui subidas, que não há teólogos com quem se não atrevesse a disputar a verdade destas grandezas. Fica-se tão espantada, que basta uma mercê destas para mudar toda uma alma e fazê-la não amar nada a não ser a Quem vê que, sem nenhum trabalho, a tornou capaz de tão grandes bens e lhe comunica segredos tais e trata com ela com tanta amizade e amor, que se não podem descrever” (V 27, 9).

A primeira experiência trinitária vivida por Teresa data de 1571 e a partir daqui esta experiência vai-se intensificando como ela descreve nas *Relações* e que mais tarde sistematizará no livro das *Moradas*. Em Maio deste ano ela percebeu perfeitamente este mistério, como Deus é uno e trino, contudo, a sua experiência concentrou-se mais na distinção das pessoas divinas e na função que cada uma delas desempenha na história da salvação e na sua vida pessoal.

“Na terça-feira depois da Ascensão – narra ela – começou-se a inflamar minha alma, parecendo-me entender claramente que tinha presente toda a Santíssima Trindade, em visão intelectual, na qual, por certo modo de representação, que era uma figura da verdade, a fim de que na minha rudeza pudesse compreendê-lo, a minha alma entendeu como Deus é trino e uno. E, assim, parecia-me que as três Pessoas me falavam e se representavam distintamente den-

⁴⁴ “Como estava habituada a trazer só Jesus Cristo, sempre me parecia que me era de algum impedimento ver três Pessoas, embora entendendo que é um só Deus. Pensando eu nisto, o Senhor disse-me hoje, que era erro imaginar as coisas da alma com a mesma representação que as do corpo” (R 18).

tro da minha alma. Foi-me dito que, desde esse dia eu veria em mim melhoria em três coisas, das quais, cada uma destas Pessoas, me fazia mercê: na caridade, no padecer com alegria e no sentir esta caridade com abrasamento na alma. Então entendi eu aquelas palavras que o Senhor diz: que estarão com a alma em graça as três Divinas Pessoas, porque As via dentro de mim, pelo dito modo... Parece que ficaram tão impressas na minha alma aquelas três Pessoas que vi, sendo um só Deus, que, a durar assim, impossível seria deixar de estar recolhida com tão divina companhia. Algumas outras palavras e coisas que aqui se passaram, não há porque as escrever” (R 16, 1).

Destas experiências narradas por Teresa podemos tirar algumas conclusões e a primeira é a distinção das pessoas: “parecia-me que as três Pessoas me falavam e se representavam distintamente dentro da minha alma” (R 16); uma outra importante é a relação pessoal com elas: “gozava em si e tinha as três Pessoas” (R 18); além disso representavam-se-lhe as “três Pessoas distintas, pois a cada uma se pode ver e falar de per si” (R 33); “Estas Pessoas amam-se e comunicam-se e conhecem-se” (R *ib.*).

Esta relação pessoal concretiza-se na comunhão de vida e de amor:

“Cada uma destas Pessoas, me fazia mercê: na caridade, no padecer com alegria e no sentir esta caridade com abrasamento na alma” (R 16).

O grande teólogo Gonzalez de Cardedal é do parecer que esta experiência trinitária de Santa Teresa não representa um aprofundamento nocional do mistério. Para ele fazem parte das expressões “transcritas da linguagem usual da teologia, sem peso específico na sua original experiência constituinte... Não há uma experiência trinitária tematizada conceitualmente”⁴⁵.

Um outro teólogo não comparte este parecer, dizendo que esta interpretação “não responde à análise pormenorizada dos textos, nem à progressão da experiência teresiana, que vai da descoberta da presença de Deus e

⁴⁵ O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Realidad y experiencia de Dios en Santa Teresa: Contenidos específicos de esa experiencia teológica* em “Actas del Congreso Internacional Teresiano” II, Salamanca 1983, pp. 835-881.

da presença de Cristo à descoberta da presença da Santíssima Trindade, como uma realidade que revoluciona a sua vida espiritual”⁴⁶.

Ciro García concorda que o acento da experiência teresiana não se deve colocar no conceptual, mas na sua força expressiva e na imediatez com que percebe este mistério. Reconhece, contudo, que a sua experiência, dum ponto de vista conceptual está mais próxima da teologia trinitária actual, de inspiração bíblica que da teologia do seu tempo.

A experiência da Eucaristia

Uma outra realidade importante na experiência espiritual de Teresa é a sua vivência eucarística. Era normal, uma vez que a vida mística de Teresa se centrou no mistério de Cristo e em especial na sua Humanidade, que a sua vida eucarística passasse a integrar esse plano de piedade cristológica.

O mistério da Eucaristia torna-se presente na vida de Teresa sob dois aspetos fundamentais: o da sua experiência mística e da catequese que ela tinha de realizar com as suas carmelitas. É de supor que a sua experiência esteja condicionada pela teologia e a liturgia do seu tempo. Quando opta pela vida consagrada, a sua piedade eucarística adapta-se à comunidade religiosa da qual começa a fazer parte. As religiosas comungavam muito poucas vezes no ano⁴⁷. Sabemos pelo *Livro da Vida* que Teresa, depois da morte de seu pai, ao tomar a forte decisão de mudar de vida, aconselhada pelo confessor, volta novamente a comungar de quinze em quinze dias (7, 17). Esta decisão deu-lhe alento para viver o tempo difícil que vai dos 29 aos 39 anos de idade. Na Encarnação de Ávila, onde se encontra Teresa de Jesus, forma-se por este tempo a “Companhia do Corpus”, um grupo

⁴⁶ CIRO GARCIA, *Trinidad Sacratísima*, em “Diccionario de Santa Teresa – Doctrina y Historia”, Monte Carmelo, Burgos, 2002, p. 638.

⁴⁷ As *Constituições* prescreviam a este respeito: “Comungarão regularmente no primeiro domingo do Advento e no Natal de nosso Senhor, e no primeiro domingo da Quaresma, e na quinta-feira santa, e no dia de Páscoa, e no dia da Ascensão, e no dia do Espírito Santo, e no dia do Corpo de Deus, na festa de Todos os Santos e nas festas de Nossa Senhora e no dia que recebem o hábito e no dia que fazem a profissão... Mas se o Senhor der devoção ao convento ou a uma maior parte de querer comungar com mais frequência podem fazê-lo com o conhecimento do confessor e da licença da priora” (SILVÉRIO DE SANTA TERESA, BMC, t. 9, Monte Carmelo, Burgos 1924, p. 485).

de devotas do Santíssimo Sacramento. Teresa faz parte desse grupo. A isto devemos juntar alguns livros que influenciaram a sua devoção à Eucaristia.

É provável que a partir do momento em que Teresa se converteu e ficou centrada em Cristo começasse a comungar diariamente, embora isto chamasse a atenção no ambiente comunitário⁴⁸.

Quando as graças místicas aparecem, os seus confessores começam a pôr tudo em causa e uma das medidas mais duras para Teresa foi afastá-la da comunhão frequente:

“Disse-me meu confessor que todos concordavam em que era demónio; que não comungasse tão amiúde e que procurasse distrair-me e evitasse a solidão” (V 25, 14)⁴⁹.

Esta proibição do confessor foi passageira, uma vez que nessa altura⁵⁰ a sua piedade eucarística já se encontrava muito enraizada e o sofrimento provocado só demonstrava a veracidade dessas graças místicas. É o teólogo P. Pedro Ibañez, um do grupo dos assessores que o testemunha no “Dita-me” sobre o espírito de Teresa:

“Estas coisas [graças místicas] acontecem-lhes depois de longa oração e de estar muito posta em Deus, abrasada em amor ou comungando.”⁵¹

Ela no fim do *Livro da Vida* refere:

“As ânsias de comungar eram tão grandes que não sei se se poderiam encarecer... já estava tão fora de mim com aquele desejo, que, ainda que me pusessem lanças ao peito, me parece romperia por entre elas” (V 39, 22).

⁴⁸ Testemunha o seu primeiro biógrafo: “Antes de sair da Encarnação para fundar estes mosteiros, comungava ordinariamente cada dia..., sendo quando ela começou uma coisa que naquela casa não se usava, antes o recebiam de tarde em tarde, e com o seu exemplo se começou nela a continuar bastante este Sacramento. Deu-lhe neste tempo nosso Senhor mostras de que gostava que ela comungasse cada dia”, FRANCISCO DE RIBERA, “*La vida de la Madre Teresa....*”, Salamanca 1590, IV, 12, p. 420.

⁴⁹ Este “todos” no dizer do confessor “eram uns cinco ou seis, todos muito servos de Deus”, como observa Teresa (*ib.*).

⁵⁰ Estamos a falar dos anos 1558 ou 1559.

⁵¹ (BMC 2, 131).

A partir daqui os acontecimentos principais da sua história de salvação surgem da Eucaristia. Por exemplo, o seu primeiro convento de fundadora:

“Tendo eu um dia comungado, Sua Majestade mandou-me instantemente que o procurasse realizar com todas as minhas forças, fazendo-me grandes promessas de que o mosteiro não se deixaria de fazer” (V 32, 11).

O relato da sua vida termina com uma série de graças eucarísticas: depois da Eucaristia, na véspera do Pentecostes vê que o Espírito Santo voa sobre a sua cabeça (cf. V 38, 9-10). Folheando as suas *Relações* facilmente se observa que grande parte das suas graças místicas acontecem no momento da comunhão:

“Uma coisa que me espanta: em comungando, fiquem a alma e o corpo tão aquietados, o entendimento tão-são e tão claro e com toda a fortaleza e desejos que costumo ter. E tenho experiência disto, porque são muitas as vezes, há mais de meio ano, que clara e notavelmente sinto saúde corporal, pelo menos quando comungo e também algumas vezes com os arroubamentos” (R 1, 23).

Depois de comungar desaparecem todos os seus achaques. No dia de Ramos, depois de comungar tem a gustação do sangue de Jesus⁵². Também depois de comungar recebe a graça do *Matrimónio espiritual* pela qual entra nas sétimas moradas:

“Indo eu a comungar, o Padre Frei João da Cruz, que me ia dar o Santíssimo Sacramento, partiu a Hóstia para outra irmã. Pensei logo que não era por falta de partículas, mas sim que me queria mortificar... Representou-se-me, então, o mesmo Senhor, como de outras vezes, por visão imaginária, muito no interior, e deu-me a Sua mão direita, dizendo-me: «Olha este cravo; é sinal de que serás Minha esposa de hoje em diante. Até agora não o tinhas

⁵² “No dia de Ramos, ao acabar de comungar, fiquei com grande suspensão, de modo que nem conseguia engolir a sagrada partícula. E tendo-A ainda na boca, quando voltei um pouco a mim, pareceu-me verdadeiramente que toda a boca se me encheria de sangue. Parecia-me que também o rosto, e toda eu estávamos cobertos dele, que estava quente como se então o Senhor acabasse de derramá-lo” (R 26).

merecido; de aqui em diante zelarás pela minha honra, não só como Criador, como Rei e teu Deus, mas como verdadeira esposa Minha. Minha honra já é tua e a tua, Minha»” (R 35).

Nestas graças místicas devemos sublinhar certos aspetos: Teresa tem experiência do mistério e da presença real de Cristo nela, experiência do seu sangue derramado, da majestade do Senhor ressuscitado e glorificado e agora encoberto no sacramento:

“Quando eu vejo – desde então para cá – uma Majestade tão grande oculta em uma coisa tão pequena como é uma Hóstia, não posso deixar de me admirar de tão grande sabedoria. Não sei mesmo como o Senhor me dá ânimo e esforço para me chegar a Ele” (V 38, 21).

A majestade do Senhor que ela experimentava na Eucaristia mexia com todo o seu ser deixando-a muitas vezes prostrada:

“Quando me aproximava para comungar e me lembrava daquela Majestade grandíssima que tinha visto e via que era Ele que estava no Santíssimo Sacramento (e muitas vezes quer o Senhor que O veja na Hóstia), os cabelos se me arrepiavam e dir-se-ia que toda eu me aniquilava” (V 39, 19).

Se por um lado ficava como aniquilada, por outro a Eucaristia refazia-a, era fonte de saúde para o seu corpo doente:

“Algumas vezes – e quase habitualmente, pelo menos o mais frequente –, em acabando de comungar descansava; e até algumas vezes, em chegando ao Sacramento, logo no mesmo momento ficava tão bem de alma e corpo, que eu me espantava” (V 30, 14)⁵³.

No *Caminho de Perfeição*, testemunha como a Eucaristia tem um efeito curativo, ao apresentar a sua experiência, embora falando de “uma pessoa”:

⁵³ Na *Relação* 1.^a Teresa ainda é mais explícita e concisa: “em comungando, fica a alma e o corpo tão aquietados, o entendimento tão são e tão claro e com toda a fortaleza e desejos que costumam ter. E tenho experiência disto, porque são muitas as vezes, há mais de meio ano, que clara e notavelmente sinto saúde corporal, pelo menos quando comungo” (n. 23).

“Pensais que não é mantimento ainda mesmo para estes corpos, este manjar santíssimo, e grande medicina até para males corporais? Eu sei que o é, e conheço uma pessoa de grandes enfermidades⁵⁴ que, estando muitas vezes com fortes dores, como com a mão se lhe tiravam e ficava boa de todo. Isto era muito de ordinário e de males muito conhecidos, que não se podiam fingir, a meu parecer. E porque as maravilhas que faz este santíssimo Pão nos que dignamente o recebem são muito notórias, não digo muitas das que poderia dizer desta pessoa, que digo que o podia saber, e sei que não é mentira” (C 34, 6).

De entre as várias conclusões que poderíamos tirar da experiência eucarística de Teresa quero mencionar esta:

“A Eucaristia é ao mesmo tempo a prolongação da presença de Cristo entre os homens. Presença ‘velada’ da sua Humanidade, como na Encarnação foi presença velada da sua divindade. Novo ‘disfarce’ da sua Pessoa gloriosa, mas em estreita proximidade misteriosa. Tão importante e decisiva para o orante, necessitado – segundo ela – de entrar na presença misteriosa do Outro para ativar o trato recíproco de amor.”⁵⁵

A experiência mística e a teologia

Este enunciado reporta-nos ao tempo de Teresa em que a linguagem dos místicos era censurada de pseudocientífica e a sua teologia considerada bastarda, objeções que perduraram até ao Concílio Vaticano II e mais concretamente até ao doutoramento de Santa Teresa de Jesus. Por influência de certos teólogos, entre eles, E. Schillebeeckx e Karl Rahner, o Concílio consagrou “a experiência das coisas espirituais” como lugar teológico. O P. Rahner, à raiz do doutoramento de Santa Teresa de Jesus interrogava-se, “se esta declaração de Teresa como doutora da Igreja é só um belo

⁵⁴ Na 1.^a redação do *Caminho* faz alusão também a outros muitos efeitos que a comunhão produzia nela que não é preciso nomear.

⁵⁵ TOMÁS ALVAREZ, *Eucaristia*, em “Diccionario de Santa Teresa”, Monte Carmelo, Burgos, 2002, p. 280.

gesto”, “um gesto oportunista para com a mulher na Igreja de hoje”, ou é alguma coisa mais. E ele mesmo responde:

“Teresa é proclamada doutora mística. Isto significa que quem ensina ‘mística’, ocupa-se de teologia, fala a partir da revelação, comunica interiormente algo à Igreja enquanto tal para edificação dos que creem em Cristo.”

Rahner vai mais longe e apela a “uma mistagogia da experiência pessoal de Deus”, vendo nos clássicos da mística espanhola [Santa Teresa e S. João da Cruz] “quase insubstituíveis mestres”⁵⁶.

Para o grande teólogo holandês:

“Graças à mística, a dogmática entra em contacto íntimo com o seu objeto; graças à dogmática crítica a mística não se afunda num cristianismo apócrifo ou num fanatismo irracional. Mística e teologia têm necessidade uma da outra para a sua própria autenticidade.”⁵⁷

Isto faz com que a mística seja no seio da Igreja “a instância crítica que faz com que a Igreja consciente de que o seu sentido final não reside nas suas próprias estruturas institucionais e nas suas teologias (por necessárias que sejam), senão na *intencionalidade* pela qual a Igreja transcende as suas estruturas e anima a sua teologia: a *comunhão* com Deus em Jesus Cristo e, nela, com todos os homens”⁵⁸.

Enquanto as instituições eclesásticas suscitam certa alergia, a mística provoca grande curiosidade. Estas instituições parecem arcaicas pela incapacidade que manifestam em responder à fome espiritual do nosso tempo. O homem de hoje visa o imediato de Deus, procura a experiência do divino. Mas o homem, como escreve Von Balthasar:

“Sedento de experiência religiosa não encontra na Igreja outra coisa que uma organização humana, a armadura de uma fria instituição social. Por toda

⁵⁶ KARL RAHNER, “La experiencia personal de Dios más apremiante que nunca”, em RevEspir. Madrid 29 (1970) 310-312.

⁵⁷ E. SCHILLEBEECKX, “Profetas de la presencia viva de Dios”, em RevEspir 29 (1970) 320.

⁵⁸ *Ib.*

a parte ressoa o grito: ‘Onde fazer a experiência de Deus?’, pois o homem necessita um mínimo de experiência que lhe sirva de trampolim para o salto na fé.”⁵⁹

Como escrevia o teólogo holandês, os místicos são “como os Querubins no meio de nós, uma exortação permanente, vigilantes na porta que dá acesso ao mistério inacessível... os profetas da presença de Deus... os guardiães de uma teologia negativa”⁶⁰.

Perante a proliferação desenfreada de “novas espiritualidades” e movimentos de “novos místicos” é bom ter presente a experiência de Teresa de Jesus. Ela é “Mater spiritualium”, mas também amiga dos “letrados” que é o mesmo que dizer dos teólogos. Os espirituais, se o são verdadeiramente, devem sentir necessidade dos teólogos e vice-versa. E os teólogos devem estar abertos aos espirituais, para que a teologia seja mais *mística*. O místico recorda ao teólogo que a oração está para a teologia como o espírito está para a letra. Fazer teologia sem oração é fazer letra sem espírito. Teresa de Jesus é visceralmente dialogante.

⁵⁹ U. VON BALTHASAR, *El complejo antirromano*, BAC, 1981, p. 303.

⁶⁰ *Ib.*, 321.